UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

LUCAS COSTA ARAÚJO

A CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DECOLONIAL: UM ESTUDO SOBRE O GRUPO NZINGA DE CAPOEIRA ANGOLA EM MAPUTO

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2025

LUCAS COSTA ARAÚJO

A CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DECOLONIAL: UM ESTUDO SOBRE O GRUPO NZINGA DE CAPOEIRA ANGOLA EM MAPUTO

Trabalho de Conclusão do Curso do Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em formato de Projeto de Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Bruno Amaral Andrade.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

LUCAS COSTA ARAÚJO

A CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO DECOLONIAL: UM ESTUDO SOBRE O GRUPO NZINGA DE CAPOEIRA ANGOLA EM MAPUTO

Trabalho de Conclusão do Curso do Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em formato de Projeto de Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Amaral Andrade (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.ª Dr.ª Mighian Danae Ferreira Nunes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.ª Dr.ª Elizia Cristina Ferreira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	**APRESENTAÇÃO**	5
2	**PROBLEMA DA PESQUISA**	7
3	**JUSTIFICATIVA**	8
4	**OBJETIVO GERAL**	10
4.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
5	**REFERENCIAL TEÓRICO**	11
5.1	CAPOEIRA: RESISTÊNCIA, CULTURA E IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA	11
5.2	CAPOEIRA ANGOLA: PEDAGÓGIA DECOLONIAL E RESISTÊNCIA CULTURAL	13
5.2.1	**Decolonialidade e colonialidade do poder**	16
5.2.2	**Corpo, cultura e descolonização**	18
5.3	FEMINISMO NEGRO E ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO GRUPO NZINGA	19
6	**METODOLOGIA**	20
	REFERÊNCIAS	24

1 APRESENTAÇÃO

A Capoeira Angola representa não apenas uma forma de luta, mas um legado ancestral que resiste ao apagamento cultural. Seus movimentos, cantos e rituais ecoam vozes ancestrais que afirmam outras formas de ser, saber e existir no mundo. Figura fundamental na sistematização desse estilo, Mestre Pastinha, em sua obra *Capoeira Angola* (1964), define a capoeira como uma arte de resistência, onde o jogo estratégico é essencial, indo além da simples luta física. Para Pastinha, “a capoeira é tudo o que a boca come”, ressaltando que ela transcende o combate, sendo uma filosofia de vida conectada à ancestralidade africana.

Outro estudioso importante, Manoel Querino, em *A Bahia de Outrora* (1916), também sublinha o papel da capoeira como uma forma vital de resistência cultural entre os negros, especialmente nas comunidades baianas. Nessa perspectiva, a capoeira é também um espaço educativo, no qual se forma a consciência histórica, política e identitária dos sujeitos que a praticam. Como destaca Araújo (2015, p.16), “essa nova concepção educativa de capoeira veio trazer a formação de identidades, a construção da cidadania entre os negros, e tradições e modelos culturais”. A prática, portanto, inscreve-se como uma pedagogia de resistência, onde a oralidade, o corpo e a ancestralidade convergem para recontar a história a partir das margens, desafiando os legados da colonialidade.

Em contraste, a Capoeira Regional, criada por Mestre Bimba nos anos 1930, foi uma tentativa de modernizar e sistematizar a prática, tornando-a mais eficiente e socialmente aceita. Esse estilo, caracterizado por movimentos rápidos e atléticos, apresenta uma estrutura de ensino formalizada, o que o distingue da Capoeira Angola, com sua ênfase na resistência cultural. Segundo Carlos Eugênio Líbano Soares (2001) em “A Capoeira Escrava e Outras Tradições Rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)”, a Capoeira Regional surgiu como uma resposta à marginalização da capoeira, buscando legitimá-la como uma prática esportiva e combativa. Essa transformação não só ampliou a popularidade da capoeira, como também a adaptou a um público mais amplo, tornando-a acessível a diferentes classes sociais.

A diferenciação entre os dois estilos de capoeira não se limita ao aspecto técnico, mas reflete também contextos sociais e filosóficos distintos. Enquanto a Capoeira Angola preserva uma forte ligação com as tradições afro-brasileiras e a resistência cultural, valorizando a astúcia e a malícia, a Capoeira Regional foca na modernização e na adaptação ao contexto urbano e globalizado, com movimentos mais rápidos e uma estrutura de ensino mais formal. Ambos os estilos, contudo, demonstram a versatilidade da capoeira, que se adapta a diferentes realidades sociais, preservando suas raízes enquanto se reinventa.

O Grupo Nzinga de Capoeira Angola, fundado em 1995 por Rosângela Araújo, conhecida no universo da capoeira como Mestra Janja, em São Paulo, é um exemplo significativo de como a capoeira pode ser utilizada como ferramenta de empoderamento cultural e inclusão social. Com raízes no Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, em Salvador, Mestra Janja trouxe consigo a tradição da Capoeira Angola, estabelecendo um trabalho de promoção da cultura africana e da consciência crítica por meio da capoeira. O grupo se expandiu e um de seus núcleos foi fundado em Maputo, Moçambique, onde a capoeira se tornou uma ferramenta de resgate da identidade africana e fortalecimento da comunidade local.

Moçambique, um país profundamente marcado pela colonização, enfrenta ainda as consequências desse legado na sua sociedade e cultura. Nesse contexto, o Grupo Nzinga utiliza a capoeira como um instrumento de educação e conscientização, ajudando os praticantes a reconectar-se com suas raízes africanas e a valorizar suas tradições, em um movimento que se alinha aos princípios da pedagogia decolonial. Ao desafiar as estruturas coloniais do sistema educacional, o grupo promove uma educação crítica que valoriza a diversidade cultural e os saberes locais.

A história da fundação do Grupo Nzinga em Maputo, a partir da liderança do Contramestre Lima, exemplifica como a capoeira pode ser uma ferramenta poderosa para a inclusão social e a equidade de gênero. O grupo enfatiza a participação igualitária de mulheres e homens, desafiando estereótipos de gênero e promovendo a equidade dentro da prática. Ao mesmo tempo, a capoeira é utilizada como um meio de empoderamento cultural, incentivando a construção de uma consciência crítica que desafia as estruturas coloniais e promove uma cidadania mais ativa e inclusiva.

Em resumo, a capoeira, nas suas diferentes expressões, continua a ser um símbolo de resistência cultural e uma ferramenta de transformação social, especialmente em contextos pós-coloniais como o de Moçambique. O estudo do Grupo Nzinga de Capoeira Angola em Maputo permite compreender melhor como essa prática contribui para a formação decolonial, o empoderamento cultural e a inclusão social, sendo um exemplo vivo de como a capoeira pode transcender suas raízes históricas para atuar como um catalisador de mudança social nas sociedades contemporâneas.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

A questão principal, que expressa o problema de pesquisa do projeto intitulado "A capoeira como instrumento de formação decolonial: Um estudo sobre o Grupo Nzinga de Capoeira Angola em Maputo", pode ser formulada nos seguintes termos:

Qual é o impacto da capoeira angola no processo de formação decolonial e no fortalecimento da identidade africana, com foco na atuação do Grupo Nzinga de Capoeira Angola, em Maputo?

Este problema de pesquisa tem como objetivo investigar de que maneira a capoeira, expressão cultural de origem africana enraizada no Brasil, é utilizada pelo Grupo Nzinga em Maputo como uma ferramenta de formação decolonial. O estudo busca compreender em que medida a prática da capoeira contribui para a reconexão com as raízes africanas, a valorização das tradições culturais locais e o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca da história colonial e de suas implicações. Além disso, o projeto visa examinar o grau de incidência da atuação do Grupo Nzinga na promoção da inclusão social e da igualdade de gênero, explorando as potencialidades da capoeira no confronto a estereótipos e na promoção de equidade de gênero dentro de suas práticas.

A pesquisa, assim, propõe-se a explorar não só o impacto da capoeira na preservação e revitalização da cultura africana em um contexto pós-colonial, mas também sua contribuição para a transformação social por meio de uma abordagem decolonial crítica e inclusiva.

3 JUSTIFICATIVA

Eu, Lucas Costa, tenho 14 anos de trajetória no Grupo Nzinga. Faço parte do grupo desde os meus 11 anos de idade, sou treinel, auxílio nas atividades e represento o grupo em diferentes espaços. Foi no Nzinga que tudo começou para mim na capoeira, um lugar onde se manifesta a força e o poder de transformação desta arte ancestral. Além disso, o grupo me proporcionou momentos incríveis e experiências tanto no Brasil quanto no exterior. Falar sobre a capoeira e o Grupo Nzinga é, para mim, uma forma de retribuir o que recebi. É mostrar a capoeira como um campo de pesquisa e o Grupo Nzinga como uma verdadeira comunidade de aprendizagem, dedicada ao ensino da capoeira e ao incentivo à pesquisa.

Este projeto de pesquisa propõe uma análise aprofundada sobre a relevância social e acadêmica da Capoeira como ferramenta de formação decolonial, com foco no Grupo Nzinga de Capoeira Angola, localizado em Maputo, Moçambique. A capoeira, expressão cultural única e enraizada na história de resistência africana no Brasil colonial, surgiu como um meio de resistência à opressão e de preservação das identidades africanas. No cenário contemporâneo, ela continua sendo um instrumento poderoso para desafiar normas sociais, promover equidade e valorizar a diversidade cultural.

A prática da capoeira oferece uma oportunidade significativa para o desenvolvimento da consciência crítica, a valorização das heranças africanas e a inclusão social. Por isso, é fundamental investigar como ela pode ser utilizada como uma ferramenta educacional voltada à formação decolonial, ao empoderamento e à resistência cultural, especialmente no contexto de Moçambique. O Grupo Nzinga, em particular, se destaca por usar a Capoeira Angola não apenas como uma prática física, mas como um veículo de conscientização. Ele incentiva seus praticantes a reconectar-se com suas raízes africanas e a refletir criticamente sobre a história e os efeitos do colonialismo. Esse enfoque pedagógico se alinha com os princípios da pedagogia decolonial, ao desafiar as estruturas coloniais presentes nos sistemas educacionais tradicionais.

Além disso, o estudo proposto se propõe a investigar como a capoeira pode promover a inclusão social e a igualdade de gênero, temas muito relevantes no contexto do Grupo Nzinga. O grupo se distingue por promover a participação ativa de mulheres, rompendo com os estereótipos de gênero e avançando em direção à equidade dentro dessa prática cultural. Assim, o projeto busca contribuir significativamente para a construção de uma educação crítica que ultrapassa abordagens tecnicistas, destacando a importância das perspectivas decoloniais para entender a capoeira como um motor de transformação social.

A capoeira, ao atravessar fronteiras geográficas, se torna um símbolo de resistência e resiliência para comunidades afrodescendentes globalmente. Ao focar no Grupo Nzinga, meu projeto busca entender como essa prática cultural ajuda a valorizar a cultura africana e a reconstruir identidades em um contexto pós-colonial como o de Moçambique. Além disso, ao analisar o impacto dessa prática na comunidade local, espero fornecer *insights* valiosos para fortalecer as iniciativas de empoderamento comunitário.

No campo acadêmico, estudar a capoeira como uma ferramenta de formação decolonial é uma oportunidade de expandir o conhecimento sobre práticas culturais afrodescendentes e suas estratégias de resistência em contextos pós-coloniais. A análise das dinâmicas locais do Grupo Nzinga e sua relação com os processos de descolonização e afirmação identitária africana pode enriquecer os estudos decoloniais e contribuir para o debate sobre descolonização epistêmica e cultural.

Acredito no papel transformador do angoleiro ou da angoleira dentro da academia, e não o contrário, reafirmando que a capoeira é um espaço legítimo de produção de saberes. Por isso, esse projeto busca não apenas ampliar o entendimento acadêmico sobre a capoeira, mas também destacar suas potencialidades emancipatórias no contexto moçambicano e além.

4 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral da pesquisa intitulada "A capoeira como instrumento de formação decolonial: Um estudo sobre o Grupo Nzinga de Capoeira Angola em Maputo" é analisar em que medida a capoeira se configura como uma ferramenta de formação decolonial, empoderamento e fortalecimento da identidade africana, a partir da atuação educacional do Grupo Nzinga em Maputo.

4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos do estudo "A capoeira como instrumento de formação decolonial: Um estudo sobre o Grupo Nzinga de Capoeira Angola em Maputo" são:

1. Investigar a história e origem da capoeira como manifestação cultural brasileira de origem africana, explorando sua relação com o processo de colonização e resistência.
2. Analisar as práticas e abordagens educacionais do Grupo Nzinga de Capoeira Angola em Maputo, com ênfase no uso da capoeira como instrumento de formação decolonial.
3. Explorar o grau da conexão promovida pela capoeira entre os participantes e suas raízes africanas, com ênfase na valorização das tradições culturais locais e no fortalecimento da identidade africana.
4. Examinar o papel da capoeira na construção da consciência crítica dos participantes em relação à história colonial e suas repercussões na sociedade contemporânea de Maputo.
5. Compreender a relação entre o trabalho promovido pelo Grupo Nzinga em Maputo e a promoção de inclusão social e de equidade de gênero, analisando, especificamente, o impacto no empoderamento feminino dentro do Grupo Nzinga.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 CAPOEIRA: RESISTÊNCIA, CULTURA E IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA

A capoeira, enquanto expressão cultural profundamente enraizada nas tradições africanas, transcende a simples prática de luta ou dança. Originada nas senzalas do Brasil colonial, ela emergiu como uma resposta à opressão enfrentada pelos africanos escravizados, atuando como um meio de resistência e de afirmação da identidade negra. Como observa Castro (2008, p. 54), "a capoeira é uma manifestação que carrega em si a história da luta dos negros pela liberdade", refletindo não apenas as experiências e lutas, mas também as esperanças de um povo que, mesmo diante da adversidade, preservou suas raízes e expressou sua cultura.

As raízes da capoeira entrelaçam-se com as diversas etnias africanas trazidas ao Brasil, combinando danças tradicionais, ritmos e práticas de luta para formar uma manifestação cultural única. Cada movimento da capoeira é, portanto, uma expressão de história e legado, simbolizando a força e resistência dos ancestrais. Cordeiro e Carvalho (2013, p. 112) ressaltam que as rodas de capoeira "não são apenas espaços de jogo, mas lugares sagrados onde a ancestralidade é celebrada e a comunidade se une em torno de valores de solidariedade e liberdade".

Durante o período escravista, a capoeira se configurou também como uma forma de autodefesa e de organização entre os escravizados. Mais do que uma prática física, ela era um código de resistência, no qual música e movimento camuflavam intenções estratégicas. Silva e Marta (2023, p. 98) afirmam que essa prática "não era apenas uma forma de sobrevivência, mas também um ato de afirmação da dignidade e da identidade negra", refletindo um forte componente simbólico de luta contra a opressão e a desumanização.

Com o advento da abolição, em 1888, a capoeira enfrentou novos desafios. Embora sua importância cultural começasse a ser reconhecida, a prática seguiu marginalizada e estigmatizada. No final do século XIX, foi criminalizada, o que a associou a comportamentos subversivos, fazendo de seus praticantes alvos de perseguição. Mesmo assim, a capoeira resistiu, adaptando-se e reinventando-se em meio à

repressão. Cordeiro e Carvalho (2013, p. 116) observam que "a capoeira, do crime à legalização, é uma história de resistência da cultura popular", evidenciando sua capacidade de persistir em contextos adversos.

A patrimonialização da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira pelo IPHAN em 2008, seguida pelo reconhecimento da UNESCO em 2014, representou um marco importante ao afirmar a capoeira como um patrimônio cultural imaterial de relevância mundial, evidenciando seu valor identitário e histórico, especialmente para a cultura afro-brasileira. Contudo, conforme discute Magalhães (2020) em “Na ginga com o Estado”, essa institucionalização trouxe desafios ao colocar a capoeira sob o risco de folclorização e mercantilização, o que pode desviar a prática de suas raízes de resistência e luta. Magalhães observa que, ao ser incorporada nas esferas de preservação oficial e divulgação para o turismo e mercado cultural, a capoeira tende a ser esteticamente simplificada e esvaziada de seu caráter crítico, o que ele denomina de uma “despolitização” – um processo que transforma a capoeira em um produto cultural consumível, afastando-a de sua função original de contestação social. Essa crítica se alinha à visão de Sem-Terra[1], que ressalta o risco de que o reconhecimento patrimonial, embora valorize a capoeira, a adapta para atender a interesses institucionais e de mercado, diluindo seu conteúdo de resistência em favor de um formato mais palatável e espetacularizado, em um movimento paradoxal que, ao mesmo tempo em que visa preservar, pode esvaziar o significado histórico e social da capoeira.

Apesar das contradições envolvidas na patrimonialização da capoeira, esse processo também abriu novos caminhos para sua valorização, dando maior visibilidade aos mestres e promovendo o reconhecimento dos saberes tradicionais transmitidos oralmente. Cordeiro e Carvalho (2013, p. 119) observam que "o reconhecimento do ofício dos mestres é uma forma de salvaguardar a memória e o legado de resistência que a capoeira representa". Nesse sentido, a formalização trouxe à tona debates importantes sobre a preservação da autenticidade e da essência da capoeira como símbolo de identidade, ancestralidade e luta social. Além disso, a patrimonialização possui um potencial transformador ao incentivar políticas públicas que promovam a

[1] Sem-terra é o apelido do capoeirista e autor Paulo Magalhães.

efetivação dos direitos à cultura e à educação, especialmente ao possibilitar a presença qualificada da capoeira no currículo escolar. Essa possível inserção qualificada não apenas fortaleceria a valorização cultural, mas também criaria oportunidades de ensinar valores de resistência e cidadania, promovendo o diálogo entre a educação formal e os saberes populares tradicionais.

Além disso, a capoeira, em especial a Capoeira Angola, se destaca como um espaço de aprendizado e troca de saberes. Araújo e Machado (2015, p. 145) defendem que "a capoeira é um elemento essencial para uma educação libertadora", destacando sua ligação profunda com as raízes africanas. Abib (2004, p. 88) reforça essa perspectiva ao descrever a capoeira como "um jogo de saberes", no qual cada movimento e cada canto perpetuam conhecimentos ancestrais. Abib (2019, p. 134) amplia essa visão, afirmando que a capoeira "integra educação, cultura e descolonização", atuando como ferramenta crucial para a formação crítica. Hampâté Bâ (2010, p. 176) também salienta que "a tradição viva é um testemunho da resiliência e adaptação das culturas africanas", demonstrando a contínua influência dessas práticas na moldagem de identidades contemporâneas.

A capoeira transcende, portanto, a dimensão de arte marcial, sendo um testemunho da força e resiliência dos povos africanos e afro-diaspóricos. Apesar das adversidades, esses povos encontraram maneiras de expressar sua cultura, celebrar sua identidade e lutar por liberdade. Cada movimento, cada canto e cada toque de berimbau ecoam conhecimentos e a história de um povo que nunca cessou sua luta por direitos e dignidade. Nesse sentido, a capoeira se apresenta como um espaço de cura, resistência, de produção de cidadania e de celebração da herança afrocentrada, unindo e inspirando gerações ao longo do tempo.

5.2 CAPOEIRA ANGOLA: PEDAGÓGIA DECOLONIAL E RESISTÊNCIA CULTURAL

A Capoeira Angola, uma das vertentes mais tradicionais da capoeira, configura-se como uma prática pedagógica decolonial ao romper com estruturas coloniais ainda presentes na educação e na sociedade, promovendo a valorização da cultura negra, das relações comunitárias e da autonomia dos corpos historicamente marginalizados. Originária da resistência dos africanos escravizados no Brasil, essa manifestação

cultural articula movimentos, cantos e rituais que expressam uma profunda conexão com a ancestralidade africana, reafirmando conhecimentos ligados à identidade e à história dos povos afrodescendentes.

Conforme Catherine Walsh (2014), a pedagogia decolonial desafia métodos eurocêntricos e propõe formas de conhecimento que emergem das experiências e saberes dos povos subalternizados. Nesse contexto, a Capoeira Angola transcende a dimensão técnica ao incorporar elementos de resistência, espiritualidade e cosmovisão africana. Diferenciando-se da educação formal colonial, que privilegia a escrita e hierarquias rígidas, enfatiza a oralidade e o aprendizado coletivo, no qual o/a mestre/a não apenas ensina técnicas, mas também preserva e compartilha histórias e valores em uma lógica de transmissão horizontal. Além disso, desafia concepções coloniais sobre corpo e subjetividade, ressignificando o corpo negro como espaço de memória, poder e resistência, contrariando a visão desumanizadora imposta pela colonização, que reduzia os corpos africanos a objetos de exploração. A Capoeira Angola emerge, assim, como uma pedagogia de libertação, reafirmando a corporeidade como ferramenta de expressão e transformação.

O conceito de "ginga", movimento fundamental na capoeira, ilustra como a Capoeira Angola integra saberes decoloniais. Embora pareça simples, a ginga representa muito mais que uma técnica: é uma manifestação da resistência e da capacidade de adaptação dos escravizados frente à violência colonial. Fluida, estratégica e adaptável, simboliza a resiliência e a inteligência tática na luta pela sobrevivência e liberdade. No âmbito pedagógico, ensina aos capoeiristas a flexibilidade, a resistência e a criatividade para enfrentar opressões e desafios, tanto na roda de capoeira quanto na vida cotidiana.

Outro aspecto essencial da Capoeira Angola como pedagogia decolonial é sua relação com o tempo e o espaço. Ao contrário da lógica capitalista e colonial, que prioriza a produtividade e o imediatismo, a Capoeira Angola segue um ritmo próprio, onde paciência, respeito aos mais velhos e tempo de amadurecimento são fundamentais. O jogo é cadenciado e reflete uma temporalidade baseada na experiência e na sabedoria acumulada, ensinando a necessidade de desacelerar e

respeitar os ritmos das comunidades, contrapondo-se à urgência imposta pela modernidade colonial.

Conforme Catherine Walsh (2009, p. 17), a educação decolonial deve "romper com as lógicas de poder colonial, criando um espaço de insurgência que valorize as epistemologias marginalizadas e promova a transformação social". A capoeira, ao carregar as marcas históricas de resistência e autoafirmação dos escravizados, exemplifica esse espaço insurgente, funcionando como elo entre saberes ancestrais e práticas educativas transformadoras. Integrá-la à educação decolonial permite que as aulas transcendam a transmissão de conteúdo para se tornarem espaços de revalorização da identidade afro-brasileira, rompendo com o eurocentrismo do sistema educacional. Assim, a capoeira possibilita aos estudantes uma reconexão com narrativas históricas silenciadas, reafirmando a educação como instrumento de justiça social e emancipação.

A Capoeira Angola desempenha um papel central na manutenção das tradições africanas no Brasil, atuando não apenas como prática cultural, mas como filosofia de vida inserida no jogo político e na luta por reconhecimento social. Segundo Machado e Araújo (2020, p. 99), "A Capoeira Angola, uma das mais importantes tradições culturais de matriz africana no Brasil, configura-se, atualmente, como uma filosofia de vida, uma forma de ver o mundo, que se atualiza e se insere no jogo político, na luta por reconhecimento". Essa compreensão evidencia como a Capoeira Angola transcende seu caráter lúdico e corporal, afirmando-se como prática de reafirmação identitária e resistência histórica.

A capoeira promove uma imersão no conhecimento histórico e cultural transmitido pela oralidade e musicalidade, permitindo aos praticantes uma conexão profunda com suas raízes africanas e com a história social brasileira. Na tradição africana, educar-se vai além do aprendizado formal: significa tornar-se pessoa. Como destacam Machado e Araújo (2020, p. 100), "para os africanos e afrodescendentes, o termo educar-se tem um sentido mais amplo: tornar-se pessoa, traduzido como aprender a própria vida". Assim, a capoeira promove valores como respeito, igualdade e cooperação, essenciais para relações sociais mais justas e inclusivas. Ao questionar estruturas de poder que historicamente marginalizaram comunidades negras e

indígenas, a capoeira alinha-se à educação decolonial. Segundo Freire (2005), a educação deve conduzir à conscientização e à libertação dos oprimidos, e a capoeira exemplifica esse processo ao desafiar normas coloniais e valorizar identidades subalternizadas.

A Capoeira Angola, especialmente na tradição pastiniana, representa uma prática educativa que resgata e valoriza as raízes africanas, promovendo uma educação integral. Mestre Pastinha estruturou uma pedagogia que transcende o treinamento físico, criando um espaço de aprendizado baseado no respeito, na solidariedade e na vida comunitária. Alinhada aos princípios da educação decolonial, desafia hierarquias de poder e legitima saberes marginalizados, promovendo dignidade, resistência e justiça social como instrumento de transformação.

5.2.1 Decolonialidade e colonialidade do poder

O sistema colonial implantado nas Américas deixou marcas profundas nas sociedades locais, especialmente no Brasil. Durante o período colonial, milhões de africanos foram trazidos à força, configurando uma complexa relação de exploração e resistência. Os colonizadores não apenas almejavam a exploração econômica, mas também buscavam apagar as identidades culturais desses grupos, impondo elementos europeus como a língua, a religião e os costumes. Entretanto, mesmo diante de condições extremas de violência, as culturas africanas resistiram, sobrevivendo e se transformando em expressões culturais como a música, a dança e os rituais religiosos. Essa resistência cultural foi essencial para a preservação das tradições africanas e para a construção de novas identidades culturais no Brasil. Nesse cenário, a capoeira emergiu como uma forma única e potente de resistência. Mais do que uma prática de combate, a capoeira mesclava dança, música e estratégia, permitindo aos africanos escravizados não apenas preservar elementos de sua herança cultural, mas também desenvolver um instrumento para a luta por liberdade. Sob o disfarce de manifestação cultural inofensiva, a capoeira oferecia treinamento físico e mental, desafiando as estruturas coloniais. Seus ritmos e movimentos expressavam a resiliência e a criatividade de um povo que, mesmo sob intensa opressão, se recusava a ser silenciado. Dessa forma, a capoeira consolidou-

se como um símbolo de resistência e de identidade cultural, representando a luta contínua contra a opressão colonial e seus legados.

Nesse contexto, a decolonialidade surge como um movimento intelectual e político que busca desafiar e desmantelar as estruturas de poder e conhecimento estabelecidas durante a colonização. A prática da capoeira angola pode ser vista como uma expressão de decolonialidade, reafirmando identidades marginalizadas e promovendo uma descolonização do ser e do saber. Como Aníbal Quijano argumenta, o conceito de colonialidade do poder se refere à permanência das hierarquias raciais e das estruturas de dominação que continuam a influenciar as relações sociais contemporâneas, mesmo após o fim formal dos regimes coloniais. Quijano (2000) ressalta que essa imposição racial/étnica é a base da exploração e dominação capitalista.

A compreensão da colonialidade do poder é crucial para desafiar as desigualdades persistentes e promover uma visão de mundo mais justa e inclusiva. Movimentos de resistência, como a capoeira angola, buscam valorizar culturas e identidades marginalizadas, promovendo uma pluralidade de saberes que desafiam as narrativas hegemônicas. Walter Mignolo (1995) complementa essa perspectiva ao destacar que a modernidade está interligada à colonialidade, enfatizando a necessidade de descolonizar o pensamento para permitir a emergência de epistemologias suprimidas. Ele argumenta que a colonialidade representa o lado obscuro da modernidade, e que é fundamental valorizar saberes não ocidentais para construir uma sociedade mais inclusiva e justa.

A capoeira, que combina dança, música e luta, foi criada nas mãos e corações dos escravizados como uma resposta ao desejo de preservar suas identidades culturais em face da repressão. Mesmo sob a proibição e perseguição, essa prática clandestina pulsou como um símbolo teimoso de resistência. Segundo Meneses (2014), o moderno colonialismo perpetua uma relação de dominação fundamentada na ideia de inferioridade racial ou étnica, negando aos povos dominados o direito à sua própria história e autodeterminação. Assim, a capoeira não apenas desafiou a visão deturpada dos colonizadores sobre a força e a habilidade dos africanos, mas também

serviu como um refúgio comunitário, proporcionando orgulho e dignidade em tempos de adversidade.

Mesmo após a abolição da escravatura, a capoeira continuou a ser uma chama de resistência contra a marginalização e a injustiça. A prática se tornou um testemunho vivo da resiliência do povo afrodescendente no Brasil, carregando a memória de tempos difíceis, mas também a promessa de esperança e renovação. A capoeira, como enfatiza Abib (2017), é um símbolo poderoso de resistência contra a injustiça e a desigualdade, promovendo um ambiente de educação inclusiva para todas as classes sociais. Ao desafiar as narrativas coloniais, a capoeira convida os afrodescendentes a se reconectarem com suas raízes e a celebrarem sua identidade com orgulho. Nesse sentido, a capoeira atua como um instrumento pedagógico de libertação, promovendo valores como solidariedade, coletividade e valorização da cultura afro-brasileira. Sua prática ressignifica o corpo negro como espaço de memória e luta, reafirmando a educação como ferramenta de transformação e justiça social.

5.2.2 Corpo, cultura e descolonização

A capoeira, enquanto expressão cultural afro-brasileira, constitui uma prática emblemática de resistência ao colonialismo. Surgida entre os africanos escravizados no Brasil, combinando elementos de dança, luta e música, foi essencial para a preservação de suas tradições culturais. Nestor Capoeira (1997), em “O Pequeno Manual do Jogador de Capoeira”, afirma que essa prática é "a mais completa manifestação da diáspora africana no Brasil", enfatizando que seus movimentos encapsulam resistência e identidade. Além disso, ela não se limitava ao âmbito físico, mas também funcionava como uma estratégia de defesa e sobrevivência frente à repressão colonial.

Durante o período colonial, a capoeira foi criminalizada, sendo vista como uma ameaça subversiva pelas autoridades. No entanto, ela resistiu à repressão, continuando a se transformar em um importante símbolo de expressão cultural afro-brasileira. Waldeloir Rego (1968), em sua obra ‘’Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico’’ descreve como a capoeira desempenhou um papel fundamental na preservação cultural e na resistência às estruturas coloniais opressoras.

Frantz Fanon (2008), em “Pele Negra, Máscaras Brancas”, argumenta que o colonialismo não só dominou territórios, mas também impôs uma visão de inferioridade sobre os corpos negros, desumanizando-os. A capoeira surge, então, como uma prática de ressignificação, onde o corpo, antes desumanizado, reconecta-se com suas raízes africanas e reafirma a identidade afro-brasileira. Machado e Araújo (2017) reforçam essa ideia, ao afirmarem que, ao se reconectar com a ancestralidade, o praticante de capoeira se liga ao "natural", revivendo suas origens.

Mais do que uma prática cultural, a capoeira se destaca como uma ferramenta pedagógica de descolonização. Catherine Walsh (2014) argumenta que pedagogias decoloniais rompem com a ordem moderna/colonial, promovendo novos modos de estar no mundo. A capoeira, ao conectar seus praticantes às suas histórias e ancestralidades, atua como um meio de resistência à opressão e como uma ferramenta para a justiça social. Nesse sentido, ela encarna a proposta do Pensamento Decolonial, que, conforme Walsh, busca desafiar as narrativas coloniais e valorizar culturas e corpos marginalizados. A capoeira, portanto, se apresenta como um ato de resistência que desafia a opressão colonial e reafirma a riqueza das culturas africanas. Sua prática, viva e pulsante, mantém a memória e fortalece a identidade afro-brasileira, promovendo inclusão e valorização da diversidade.

5.3 FEMINISMO NEGRO E ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO GRUPO NZINGA

O feminismo negro, como destacam autoras como bell hooks, Angela Davis e Jurema Werneck, oferece uma perspectiva essencial para compreender a presença das mulheres negras na capoeira, historicamente marginalizadas por estruturas racistas e patriarcais. Embora muitas vezes invisibilizadas, essas mulheres sempre desempenharam um papel crucial na preservação dessa prática cultural, utilizando-a como ferramenta de resistência e empoderamento. Na roda, desafiam tanto o racismo quanto o sexismo, reafirmando sua conexão com a ancestralidade africana e questionando as narrativas hegemônicas. Ainda assim, enfrentam desafios como o machismo estrutural e a hiperssexualização de seus corpos. Inspiradas por vozes como as de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, elas transformam a capoeira em um espaço de luta por justiça social, no qual afirmam sua autonomia e lideram um movimento que une feminismo negro, decolonialidade e igualdade de gênero.

O Grupo Nzinga tem sido uma referência importante na interseção entre o feminismo negro e a capoeira, uma prática que, tradicionalmente, tem sido dominada por homens. A atuação do grupo se destaca, sobretudo, pela forma como promove a valorização das mulheres negras dentro da capoeira, criando um espaço onde elas não apenas participam, mas também lideram e transformam o ambiente da roda.

A capoeira, como instrumento de resistência e empoderamento, se alinha ao projeto de transformação social defendido pelo feminismo negro, oferecendo um campo para a resistência das mulheres negras, não só como parte da cultura afro-brasileira, mas também como agentes ativas dessa cultura. No contexto da participação das mulheres na capoeira, o Grupo Nzinga tem trabalhado para expandir e redefinir os espaços de atuação das mulheres, especialmente aquelas que são negras e periféricas, criando modelos de liderança feminina. Mestras, contra-mestras e treinelas dentro do grupo têm o papel de preservar e inovar as tradições da capoeira, garantindo que a história de mulheres negras na prática não seja apenas reconhecida, mas também celebrada. Além disso, o Grupo Nzinga utiliza suas atividades pedagógicas e culturais (como workshops, seminários e eventos de formação) para educar sobre a importância da inclusão e do empoderamento feminino na capoeira, utilizando essa plataforma para questionar e desafiar as estruturas de poder presentes tanto no contexto da capoeira quanto na sociedade em geral. Ao fazer isso, o grupo não só desafia a masculinização da capoeira, mas também contribui para a transformação da sociedade, levando adiante um legado de resistência que tem a força do feminismo negro em sua base.

Essa atuação amplia a perspectiva da capoeira como uma ferramenta de libertação e conscientização, onde as mulheres negras ocupam e fortalecem seu espaço, não apenas como participantes, mas como figuras centrais na construção do patrimônio cultural e histórico dessa arte.

6 METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, visando compreender como a capoeira, particularmente a Capoeira Angola, pode ser vista como uma prática decolonial e de que maneira contribui para o fortalecimento da

identidade africana no contexto de Moçambique. O estudo foca nas atividades do Grupo Nzinga de Capoeira Angola em Maputo, um exemplo significativo de como a capoeira tem sido utilizada para promover a educação decolonial e gerar inclusão social.

A metodologia está estruturada em quatro etapas principais: revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise documental.

A revisão bibliográfica busca compreender o contexto da capoeira dentro das discussões sobre decolonialidade e educação. A pesquisa se fundamenta em obras de autores como Aníbal Quijano (2000), que introduziu o conceito de “colonialidade do poder”; Walter Mignolo (2011), que expande o debate para práticas de resistência epistêmica; e Catherine Walsh (2009), que reflete sobre a educação decolonial. No campo da crítica feminista e racial, os pensamentos de bell hooks (1994) e Angela Davis (1981) fornecem importantes contribuições sobre empoderamento e identidade cultural, especialmente no contexto de mulheres negras. Complementando essas leituras, será considerada a obra de estudiosos da capoeira, como Nestor Capoeira (1997), que reflete sobre o valor histórico e cultural da capoeira, Paulo Abib (2004, 2017), que aborda a pedagogia da Capoeira Angola, e Mestre Pastinha, cuja pedagogia de resistência será analisada como base prática.

Autores como Achille Mbembe (2001) e Amadou Hampâté Bâ (2010) também serão incorporados para ampliar o entendimento sobre a tradição e a resistência nas culturas africanas. Além disso, as obras de Freire (2005) e Fanon (2008) fornecerão a base para a compreensão de processos de conscientização e resistência no contexto educacional e social.

A coleta de dados primários será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com membros do Grupo Nzinga. Está prevista a participação de duas mestras, duas contra-mestras, duas treinelas e quatro alunos, escolhidos com base em sua experiência e envolvimento nas atividades do grupo. As entrevistas abordaram as percepções dos participantes sobre a capoeira como prática educativa e cultural, explorando aspectos como:

- O impacto da capoeira no fortalecimento da identidade africana;
- A reconexão com raízes ancestrais;
- A promoção da equidade de gênero e o empoderamento feminino.

As entrevistas também considerarão as práticas pedagógicas adotadas no grupo e os desafios enfrentados na disseminação da capoeira como uma prática decolonial.

A observação participante será conduzida nas rodas de capoeira e em outras atividades culturais do Grupo Nzinga em Maputo, como oficinas e seminários. Serão observadas por 3 meses as dinâmicas de ensino, os processos de interação entre os participantes e como os valores decoloniais e comunitários são incorporados nas práticas cotidianas. De acordo com Geertz (1989), a observação participante permite uma “descrição densa” das interações e significados atribuídos pelos envolvidos, sendo uma ferramenta valiosa para compreender o contexto cultural e social do grupo.

A análise documental incluirá a coleta de materiais como vídeos, fotos, publicações realizadas pelo Grupo Nzinga e materiais pedagógicos disponibilizados. Esses registros serão encontrados por meio de arquivos internos do grupo, publicações online e redes sociais do grupo em Maputo. Essa etapa visa compreender a maneira como o grupo se posiciona publicamente e organiza suas atividades pedagógicas, além de identificar os valores e ideias que o grupo promove.

Os dados coletados serão analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo, conforme descrito por Bardin (1977). Essa técnica possibilitará identificar e agrupar temas recorrentes, como a decolonialidade, a identidade cultural e o empoderamento feminino. A triangulação dos dados será aplicada para garantir a validação dos resultados, comparando as informações obtidas nas entrevistas, nas observações e na análise documental. Denzin (1989) defende que a triangulação de métodos fortalece a credibilidade dos dados, ao cruzar diferentes fontes e perspectivas. Para assegurar que a interpretação seja fiel à realidade dos participantes, os resultados preliminares serão compartilhados com os entrevistados, permitindo feedback e ajustes.

Com essa metodologia, o estudo busca compreender, de forma holística, o impacto da capoeira enquanto prática decolonial, explorando seu papel na promoção da inclusão social, fortalecimento da identidade africana e empoderamento feminino no contexto de Moçambique.

REFERÊNCIAS

ABIB, P. **Capoeira Angola**: Uma abordagem pedagógica. Salvador: Edufba, 2004.

ABIB, P. Capoeira: uma arte de resistência e educação. *In*: EDUCAÇÃO e culturas afro-brasileiras, pp. 120-145. Salvador: Edufba, 2017.

ARAÚJO, R. C.; MACHADO, C. A capoeira na educação decolonial. **Revista Afro-Brasileira**, 15(2), 98-115, 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CASTRO, A. C. Histórias da capoeira: Resistência e ancestralidade. **Cadernos de Estudos Africanos**, 22, 54-75, 2008

CORDEIRO, M.; CARVALHO, T. Capoeira: Cultura, resistência e comunidade. **Revista Estudos Culturais**, 9(3), 110-120, 2013.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HAMPÂTÉ BÂ, A. Tradições africanas vivas. **Revista de Estudos Africanos**, 13(1), 165-180, 2010.

MAGALHÃES, L. **Na ginga com o Estado**: patrimônio e despolitização da capoeira. São Paulo: Annablume, 2020.

MBEMBE, A. **On the Postcolony**. University of California Press, 2001.

MENESES, M. P. **A descolonização do conhecimento é essencial para a construção de um Moçambique verdadeiramente independente e culturalmente rico**. 2019.

MIGNOLO, W. **A descolonização do saber implica a criação de um espaço onde múltiplas epistemologias possam coexistir e dialogar**. 2011.

NESTOR CAPOEIRA. **O Pequeno Manual do Jogador de Capoeira**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **Educação e Sociedade**, 21(74), 72-99, 2000.

REGO, W. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

WALSH, C. **Interculturalidade crítica e educação decolonial**. São Paulo: Cortez, 2009.